TARKA
V.1 / N. 2

Sobre as cidades não excelentes de Alfarabi

On the not excelent cities of Alfarabi

Alexandre Chareti

RESUMO

O objetivo deste texto é abordar a diversidade de práticas viciosas que fundamentam as configurações de cidades não excelentes no *Livro dos princípios das opiniões dos habitantes d'A cidade excelente*, do filósofo Abu-Nasser Muhammad Alfarabi (874-950 d.C.). Conhecida como *A Cidade Excelente*, essa obra tardia na trajetória filosófica de Alfarabi, harmoniza aspectos do pensamento de Aristóteles, do platonismo e de outras doutrinas que — combinadas a uma série de inovações — fundam uma tradição entre os pensadores de língua árabe do período pré-moderno. A caminho de reconhecer os tipos de cidades não excelentes, acompanharemos Alfarabi por sua descrição do princípio do Universo, da existência, dos astros, da vida na Terra, da alma humana, das virtudes e vícios, até o ideal de cidade excelente.

PALAVRAS-CHAVE

Alfarabi; Cidade Excelente; filosofia árabe.

ABSTRACT

The aim of this text is to address the diversity of vicious practices underlying the configurations of non-excellent cities, as presented in *The Book of the Principles of the Opinions of the Inhabitants of the Excellent City* by the philosopher Abu Nasr Muhammad Alfarabi (874–950 CE). Known as *On the Perfect State*, this later work in Alfarabi's philosophical trajectory harmonizes aspects of Aristotelian thought, Platonism, and other doctrines that —combined with a series of innovations— ground a tradition among Arabic-speaking thinkers of the pre-modern period. In the process of identifying the types of non-excellent cities, we will follow Alfarabi through his descriptions of the principle of the universe, existence, the stars, life on Earth, the human soul, virtues and vices, and finally, the ideal of the excellent city.

KEYWORDS

Alfarabi; Excellent City; Arabic philosophy.

https://doi.org/10.5281/zenodo.18377245

1. Introdução

Esse texto é o resultado de um estudo sobre a tese de livre docência do professor Miguel Attie Filho, na qual traduz e comenta o *Livro dos princípios das opiniões dos habitantes d'A cidade excelente*[1], do filósofo Abu-Nasser Muhammad Alfarabi (874-950 d.C.). Nessa obra, conhecida pelas formas reduzidas *A Cidade Excelente* ou *A Cidade Virtuosa*, além de uma reflexão de caráter filosófico-político, como seu título poderia indicar, Alfarabi atualiza elementos da filosofia dos antigos em uma cosmologia que fundamenta a origem do Universo, da existência, da alma humana e dos agrupamentos sociais.[2] As cidades aqui são também imagens dos coletivos de tipos humanos idealizados, e a cidade mais excelente é aquela habitada pelas almas dedicadas ao alcance da felicidade por meio da faculdade racional. Nessa perspectiva, intelectos aperfeiçoados desenvolvem modos considerados excelentes que levam à cidade excelente, onde as almas tocam o divino, a causa primeira, aprimoram-se e realizam a felicidade. O destaque desse artigo, porém, é a diversidade de práticas corrompidas que fundamentam as configurações de cidades não excelentes descritas por Alfarabi.

[1] Posteriormente publicada no livro: ALFARABI. A Cidade Excelente. Tradução, introdução e notas por Miguel Attie. São Paulo: Attie Editora. 2019.

[2] Segundo Ter Reegen e Silva (2007, p. 217), "para este filósofo, só a partir do conhecimento da estrutura dos corpos celestes pode ser compreendida a organização da cidade, isto é, o mundo dos homens. Em outras palavras, é por meio do conhecimento do Universal — que só pode ser realizado pela razão humana — que se obtém as normas e regras para governar a sociedade".

2. O ser primeiro flui em si até a matéria

O ponto de partida de Alfarabi, a criação de seu universo filosófico em *A Cidade Excelente*, é uma formulação sobre

o existente primeiro[3]. Diz ele na frase que dá início ao livro: "O existente primeiro é a causa primeira da existência de todos os demais existentes. Ele é isento de todos os modos de insuficiência" (ALFARABI, 2011, p. 45). Caracteriza-se, então, essa existência como a mais excelente e perfeita, eterna, e uma vez que nada a gerou, apenas dela emanam todas as outras existências. Nos primeiros capítulos do livro, o existente primeiro é qualificado como uno, indivisível, sem oposto, indefinível e, sendo essencialmente imaterial, conclui-se que ele é puramente inteligência. Sobre esse último aspecto Alfarabi afirma:

> Agora, dado que ele não é matéria nem possui matéria de maneira alguma, então, pela sua substância, ele é inteligência em ato. Pois, aquilo que a forma possui, que a impede tanto de ser inteligência como de inteligir em ato, é [justamente] a matéria na qual a coisa existe. Ora, quando a coisa, em sua existência, não tem necessidade de matéria, então, tal coisa é — pela sua substância — inteligência em ato. Eis aí o caso do primeiro. Ele é, portanto, uma inteligência em ato (ALFARABI, 2011, p. 58-59).

Inicia-se, então, a processão de todos os existentes. O primeiro existente intelige a si mesmo, de modo que desse ato emana a existência do segundo existente, também incorpóreo e inteligência em ato que intelige sua essência ao inteligir o primeiro, decorrendo disto a existência de um terceiro existente, por cuja substanciação de essência decorre o primeiro céu. Assim, sucessivamente, fluem as esferas no interior do existente primeiro, em um processo pelo qual inteligem a própria essência e algo do primeiro,

[3] Sobre a manipulação de elementos dos pensamentos aristotélico e neoplatônico na concepção da causa primeira de Alfarabi, cf. Silva, 2015.

tendo como resultado esferas correspondentes aos astros, até a décima primeira inteligência.

> Esses existentes que computamos são aqueles que, em suas substâncias, obtiveram suas mais excelentes perfeições desde o princípio. Porém, a existência deles é interrompida nas duas, [isto é,] na esfera da Lua e na décima primeira inteligência (ALFARABI, 2011, p. 85-86).

Os existentes são posicionados por Alfarabi conforme sua proximidade à existência primeira, do mais externo ao mais interno, em graus de excelência do mais alto ao mais baixo. De um ato em que emanam da primeira, eles resultam dez outras inteligências correspondentes às esferas dos astros: a segunda inteligência é o primeiro céu; a terceira inteligência, a esfera das estrelas fixas; a quarta inteligência, a esfera de Saturno; a quinta inteligência é a esfera de Júpiter; a sexta inteligência, a esfera de Marte; a sétima inteligência é a esfera do Sol; a oitava inteligência, a esfera de Vênus; a nona inteligência, a esfera de Mercúrio; a décima inteligência é a esfera da Lua; e a décima primeira inteligência é o mundo sublunar.

Abaixo da esfera da Lua, no mundo sublunar, surge a matéria, por um dispositivo não muito evidente. Os quatro elementos — água, ar, fogo e terra — são a base para a constituição dos corpos sublunares[4]. Da combinação desses elementos formam-se estruturas complexas, que por sua vez combinam-se formando corpos ainda mais complexos, como os vegetais e os animais, até formarem o organismo humano, superior entre as formas da matéria.

[4] Segundo Jaqueline Del Nero (2009, p. 49), "Aristóteles introduzira um quinto elemento, o éter, sendo esse o elemento do qual os astros seriam feitos. Alfarabi deliberadamente abandona o dogma peripatético substituindo-o pela 'essência espiritual inteligível' neoplatônica, a *noēte hylē*, fazendo-a tornar-se a causa dos quatro elementos citados acima".

Esses corpos materiais mais complexos ainda carregam uma pequena parcela do inteligível: a alma.

Segundo Alfarabi, as existências acima da esfera da Lua são excelentes em suas inteligências imateriais, mas, no entanto, as existências sublunares, que são compostas pela matéria, são as mais imperfeitas.[5]

[5] Sobre essa formulação, Catarina Belo (2018, p. 42-43) explica que "ao iniciar a descrição do mundo sublunar, Alfarabi introduz a distinção aristotélica entre os dois mundos: enquanto o mundo celeste é incorruptível e eterno, apresentando movimentos regulares e necessários, o mundo sublunar é corruptível, e é o domínio da geração e da corrupção, ou seja, nele os seres nascem e morrem".

3. A alma humana e a busca da felicidade

Formado o organismo humano complexo, pela combinação dos elementos fundamentais, Alfarabi passa à descrição das faculdades que compõem a alma humana, em uma releitura do *De Anima*, de Aristóteles.

A primeira faculdade humana, diz Alfarabi, é a nutritiva. Após ela, constituem-se os cinco sentidos — o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão — e o apetite — uma faculdade que aproxima ou afasta os indivíduos daquilo que desejam ou repugnam. Somente, então, desenvolve-se a faculdade imaginativa, que fixa na alma as formas captadas pelos sentidos, e a faculdade racional, por meio da qual o sujeito pode inteligir os inteligíveis.

> Dada a ocorrência do homem, o que nele primeiramente ocorre é a faculdade por meio da qual ele se nutre, isto é, a faculdade nutritiva. Depois dessa, [se dá] a faculdade por meio da qual ele sente o tangível — tal como o calor, o frio, e outros mais —, [a faculdade] por meio da qual ele sente os sabores, [a faculdade] por meio da qual ele sente os odores, [a faculdade] por meio da qual ele sente os sons, e aquela [faculdade] por meio da qual ele sente

> as cores e todos os visíveis como, por exemplo, os raios. Juntamente com os sentidos — e por meio deles — há a ocorrência de uma apetência de desejo ou de repúdio, em vista daquilo que é sentido. Em seguida, depois dessa [faculdade], há nele a ocorrência de uma outra faculdade, por meio da qual é armazenado aquilo que, a partir dos sensíveis, foi delineado em sua alma — depois que [os sensíveis] desapareceram do campo de observação dos sentidos. Esta é, pois, a faculdade imaginativa, a compor os sensíveis uns com os outros e a dissociar uns dos outros — composições e dissociações diversas, algumas das quais são enganosas, enquanto que outras são verídicas. Vincula-se a esta [faculdade], uma apetência referente ao que é imaginado. Em seguida, depois dessa [faculdade], há no [homem] a ocorrência da faculdade racional, por meio da qual ele pode inteligir os inteligíveis, por meio da qual ele discerne o belo e o vil e, por meio da qual, as artes e as ciências são possíveis. Igualmente, vincula-se a esta faculdade uma apetência que se refere ao que é inteligido (ALFARABI, 2011, p. 122-124).

Assim, além dos sentidos externos, Alfarabi descreve as faculdades que compõem os sentidos internos da alma, dentre as quais destaca-se a faculdade racional[6]. Nos humanos, entretanto, dada sua condição material, não há naturalmente uma inteligência em ato, mas em potência, como uma disposição a receber as impressões dos inteligíveis. Para que a inteligência passe da potência ao ato, ou seja, para que o indivíduo possa inteligir, é necessária a influência de alguma inteligência que esteja em ato.

> Com efeito, os inteligíveis que estão em potência tornam-se inteligíveis em ato [só] quando forem efetivamente

[6] Uma configuração mais detalhada das faculdades da alma humana é apresentada pelo filósofo Ibn Sina (980-1037 d.C.), o Avicena, no seu *Livro da Alma* (IBN SINA, 2010). Segundo Ibn Sina, os *sentidos internos* da alma humana são descritos da seguinte forma:

(I) *fantasia*, ou sentido comum – recepciona, por meio das essências, as formas impressas nos cinco sentidos externos;

(II) *imaginação*, ou formativa – conserva aquilo que o sentido comum recebeu dos cinco sentidos;

(III) *imaginativa*, ou cogitativa – compõe formas que estão na imaginação com outras, associando-as, dissociando-as;

(IV) *estimativa* – percebe intenções não sensíveis nos sensíveis particulares;

(V) *conservadora* das intenções;

(VI) *rememorativa* das intenções;

(VII) *intelecto prático*, ou operativo – princípio motor para o corpo, exerce observância em relação à apetitiva, à imaginativa, à estimativa e a si mesma, prevalecendo sobre as outras, sob domínio da faculdade teórica;

(VIII) *intelecto teórico* – em contato com a inteligência ativa, impressiona-se com as formas universais abstraídas com base na matéria.

> feitos inteligíveis em ato para um intelecto. Agora, eles têm necessidade de que uma outra coisa os passe da potência até se tornarem "em ato". Ora, o agente que os passa da potência ao ato é uma certa essência cuja substância é ser uma inteligência que esteja em ato, separada, pois, da matéria. Essa inteligência dá ao intelecto hílico, que em potência é um intelecto, alguma coisa como ocorre no caso da luz que o Sol dá para a visão — pois o caso do intelecto hílico é como o caso do Sol com a visão (ALFARABI, 2011, p. 146).

Pela ação, portanto, da inteligência ativa, localizada na esfera da Lua, no momento em que a inteligência humana se faz de potência em ato, o inteligível que concerne aos indivíduos torna-se também de potência em ato. Essa inteligência pura, que permite a intelecção humana, só pode ser uma inteligência ativa que, por sua capacidade de tornar um inteligível de potência em ato, funciona como intelecto agente para os humanos.

Para Alfarabi, o desenvolvimento da faculdade racional, por meio do ato de inteligir, é o que aproxima os seres humanos das esferas celestes e, consequentemente, da existência primeira. Assim, pelo aperfeiçoamento do intelecto, os humanos estabelecem relação com a inteligência ativa, completando sua excelência, o que ele considera a realização da felicidade. Essa ideia tem por base o princípio de que o desenvolvimento da razão seria o modo pelo qual os indivíduos estariam mais próximos do divino, a inteligência em ato, distanciando-se, desse modo, das imperfeições materiais: e isso seria a felicidade.

> A realização dos inteligíveis primeiros é, para o homem, assim, seu primeiro aperfeiçoamento. Todavia, esses

> inteligíveis somente foram [aí] colocados para que [o homem] sirva-se deles em vista de alcançar seu aperfeiçoamento último. Ora, isso é a felicidade, ou seja — no que tange à perfeição da existência — que a alma do homem se torne tal como aquilo que, em sua estrutura, não necessita de matéria, vindo a se reunir às coisas isentas de corpos, e vindo a se reunir às substâncias separadas da matéria, permanecendo nesse estado para sempre, ainda que seu grau seja inferior ao grau da inteligência ativa (ALFARABI, 2011, p. 153).

É importante, neste ponto, destacar que Alfarabi entende que as ações procedentes das predisposições e dos hábitos intelectuais e voltadas para a busca da felicidade são virtudes — não um bem em razão de si mesmo, mas apenas em razão da felicidade. Por outro lado, são consideradas más as ações contrárias à busca da felicidade, que procedem de disposições e hábitos que não têm por finalidade o desenvolvimento da faculdade racional, mas de outras faculdades consideradas menos nobres. Quanto à faculdade racional, Alfarabi a percebe como duas, uma prática e uma teórica, de modo que a primeira serve à outra, que por sua vez não é subordinada a nenhuma parte, sendo dedicada ao alcance da felicidade[7]. Assim, o indivíduo que concebe a felicidade como finalidade e desejo e que por meio da faculdade racional — ajudada pela imaginativa e pelos sentidos — deduz o que fazer para alcançá-la, e de fato executa essa ação, terá suas ações consideradas boas.

[7] Segundo Catarina Belo (2018, p. 47), "é a acção contemplativa humana que leva à felicidade humana, que é um fim em si mesmo. A felicidade não é compatível com os vícios, mas exige a prática das virtudes. Assim, para Alfarabi, a felicidade tem uma componente teórica e uma componente prática. Em todas as actividades, teóricas ou práticas, das várias faculdades, a vontade e a inclinação têm um papel determinante, num modelo voluntarista bastante acentuado. O principal motivo por detrás da inclinação ou apetição é uma clara ideia da felicidade e dos meios para a obter. Com a felicidade em vista, o ser humano pode mover todas as suas faculdades para a obter".

4. A cidade excelente e suas contrárias

Um ser humano tem em sua estrutura várias necessidades que não conseguem ser satisfeitas isoladamente. Desse modo, a convivência em sociedade é a chave para a consolidação das etapas que o indivíduo precisa implementar no sentido de conquistar a mais alta excelência e, por isso, formam-se os agrupamentos sociais. Dentre esses agrupamentos, há os perfeitos e os imperfeitos. Quando os sujeitos cooperam na busca por desenvolver suas faculdades racionais a fim de suprir as condições para se alcançar a felicidade, eles vêm a habitar a cidade excelente.

> Dessa maneira, a cidade que se estabelece sob um agrupamento em que a cooperação está em consonância com as coisas por meio das quais se alcança a felicidade é, realmente, a cidade excelente; o agrupamento no qual se coopera no sentido de se alcançar a felicidade é o agrupamento excelente; a nação na qual todas as cidades cooperam em consonância com aquilo por meio do que se atinge a felicidade é a nação excelente; do mesmo modo, a população excelente somente dar-se-á caso as nações que nela se encontrem cooperem em consonância com o intuito da felicidade (ALFARABI, 2011, p. 172).

Segundo Alfarabi, é de extrema relevância para o desenvolvimento da cidade excelente o comando de um líder, o mais excelente e perfeito entre os indivíduos, que, pela força de seus atos, considerados bons, guiaria os habitantes da cidade à felicidade[8]. Esse sujeito seria reconhecido por doze qualidades, que representam virtudes dentre as quais a proeminente, para o comando da cidade, seria a sabedoria.

[8] Francisca Galiléia Pereira da Silva argumenta que Alfarabi, tendo em mente a heterogênea comunidade islâmica de seu tempo, propõe que a excelência do líder teria por caminhos tanto a filosofia, na figura do líder filósofo, como a religião, liderada pelo profeta. Nesse sentido, ela afirma que "para al-Farabi a filosofia é o caminho que conduz o homem à Verdade e, por conseguinte, à felicidade. No entanto, [...] nem todos conseguem atingir a Falsafa [...]. Com isso, entra em cena a faculdade imaginativa onde se mesclam as imagens e as sensações advindas da faculdade sensível [...]. O que deve ser entendido é que estes símbolos que al-Farabi coloca como produtos da faculdade imaginativa formam, segundo sua tese, o universo da Religião" (SILVA, 2008, p. 190).

> Ora, quando isso se realiza em cada uma das duas partes de sua faculdade racional, ou seja, a teórica e a prática e, em seguida, em sua faculdade imaginativa, esse é o homem sobre quem recai a inspiração. Deus — exaltado e glorificado seja — é quem o inspira por intermédio da inteligência ativa sendo que, aquilo que flui de Deus — bendito e exaltado seja —, em direção da inteligência ativa, flui da inteligência ativa para seu intelecto passivo por intermédio do intelecto adquirido e, em seguida, para sua faculdade imaginativa. É devido a isso que flui da [inteligência ativa] para seu intelecto passivo que ele [se torna] sábio, filósofo e intelectualmente completo; e devido ao que flui dessa [inteligência] para sua faculdade imaginativa em referência aos particulares, ele [se torna] profeta, anunciador daquilo que será e narrador do agora, dada uma existência que intelige, nele, o divino (ALFARABI, 2011, p. 182).

Alfarabi argumenta, então, que os reis das cidades excelentes, nas suas diversas épocas, são como se fossem uma alma única, um único rei. Desse mesmo modo, muitos deles vivendo ao mesmo tempo em uma cidade, ou em muitas, caracterizam um agrupamento deles como um único rei, uma só alma. Assim também ocorreria com os outros graus de habitantes da cidade que, embora sucedam-se em épocas diversas, são como uma única alma. Com esse desdobramento, Alfarabi dá um passo importante no sentido da abrangência permitida à sua concepção. Ao afirmar que os indivíduos de qualquer época e lugar que estivessem em um mesmo grau de excelência habitariam uma mesma cidade, por meio de suas almas, o filósofo permite a compreensão de que sua formulação retrata cidades que,

além das reais, são também representações das virtudes humanas, como cidades ideias de almas[9].

> De todo modo, se a cidade de alma não ocupa nem tempo nem espaço e se a excelência política é a excelência dos nobres inteligíveis, então a cidade excelente real se funda quando um comandante primeiro a rege sob tais princípios. Mas, quando esse comandante passa, sua alma se reúne, sem perder sua individualidade, com as almas daqueles que estão no mesmo grau de excelência. O paradigma que rege a excelência, como se viu, é a sabedoria, requisito básico para o comando perfeito de uma cidade. Assim, se a sabedoria é o fundamento da excelência política, é — também — do ponto de vista da alma, sua cidade mais perfeita. Os reis excelentes, os profetas excelentes, os filósofos excelentes, os habitantes excelentes, todos vivem na cidade da sabedoria da alma, ainda que não vivam na cidade excelente real (ATTIE FILHO, 2011, p. 207).

Alfarabi estabelece uma relação entre os princípios que considera valorosos e a constituição da cidade excelente, que assume uma segunda dimensão, além da realidade material, uma cidade ideal "da sabedoria", composta de almas excelentes. Os habitantes dessa cidade são aqueles que têm ciência da causa primeira e de seus atributos, das coisas separadas da matéria e de seus graus e atributos até chegar à inteligência ativa, conhecendo também as substâncias celestes e, abaixo delas, os corpos naturais que se engendram e se corrompem, assim como a geração dos seres humanos, as faculdades da alma, e como a luz da inteligência ativa flui sobre elas até realizar os

[9] Em uma terceira compreensão, a cidade excelente pode ainda referir-se ao local habitado pelas almas após a morte. Sobre essa perspectiva, afirma Catarina Belo (2018, p. 52) que "o objectivo da cidade é proporcionar o exercício das virtudes que levam à felicidade nesta vida e na vida após a morte. Tal como vários estudiosos notaram, Alfarabi menciona apenas a imortalidade da alma, e não a ressurreição do corpo [...] Segundo Alfarabi, após a morte, a alma separa-se do corpo. Porém, cada alma adquire características únicas nesta vida devido às virtudes ou aos vícios que praticou, e devido à ligação a um corpo particular. Assim se justifica a sobrevivência da alma individual depois da morte (algo que seria negado posteriormente por Averróis, que defendia a união ou fusão com um único intelecto após a morte)".

inteligíveis primeiros. Por fim, os habitantes da cidade excelente devem ter conhecimento do comandante primeiro, reconhecer a cidade excelente e seus habitantes, a felicidade que suas almas alcançam, e saber distinguir essa cidade das não excelentes, suas contrárias, habitadas pelas almas não excelentes.

Uma vez que o aperfeiçoamento das faculdades humanas por meio de valores e hábitos bons, dado o seu fim de busca da felicidade, leva à cidade excelente, outras maneiras de viver afastariam os indivíduos dela. Desse modo, surge a possibilidade de existirem diversas cidades ideais, com diferentes graus de excelência, habitadas por almas agrupadas segundo seu grau de excelência. Para Alfarabi, almas humanas influenciadas por doutrinas equivocadas formariam agrupamentos contrários à cidade excelente. Essas cidades não excelentes seriam aquelas nas quais os indivíduos teriam suas crenças influenciadas pelo que ele chama de opiniões corrompidas, ou seja, assim como a cidade excelente seria habitada por almas excelentes, caracterizadas pela constante busca racional da felicidade, as doutrinas que guiassem equivocadamente os indivíduos em outro sentido os levariam a cidades não excelentes, viciosas por suas características[10]. Assim, opiniões corrompidas levam a almas corrompidas e, consequentemente, a cidades corrompidas. A relação — entre as doutrinas filosóficas, as almas e suas cidades não excelentes — pode, então, ser entendida de duas maneiras:

> A primeira e mais imediata é a de que certas doutrinas filosóficas equivocadas se espalham pelas cidades e

[10] Nos capítulos 32, 34 e 37 do seu Livro, Alfarabi discorre sobre dezenas de diferentes doutrinas que influenciariam a formação das cidades não excelentes. Embora não seja nominalmente citado nenhum dos defensores daquelas teorias, alguns deles podem ser identificados. Segundo Catarina Belo (2018, p. 55-56), "Alfarabi condena a opinião segundo a qual a essência do ser humano não inclui quaisquer elementos naturais, ou os acidentes da alma, como as emoções, mas apenas o elemento racional. Entre os alvos de Alfarabi estão Empédocles e Parménides, e possivelmente – ainda que Alfarabi não os mencione explicitamente – os sofistas. Estes últimos parecem ser o alvo, quando condena a opinião que nega a estabilidade das substâncias e das essências das coisas, o que impossibilita o verdadeiro conhecimento. Esta posição chega a negar a validade da lógica, tal como foi fundada por Aristóteles".

> geram opiniões e pontos de vista não excelentes. Assim, as cidades tornam-se corrompidas por essas opiniões. Nesse sentido, entre as opiniões dos antigos, Platão e Aristóteles estariam, por assim dizer, salvos por Alfarabi, já que os considera como o ápice da filosofia antiga, detentores de opiniões excelentes. Alfarabi os acompanha nas críticas que estes fizeram aos naturalistas, procurando superá-los. Outro modo de entender tal apresentação das doutrinas segue o gabarito estabelecido pelos níveis de excelência das almas daqueles que professaram essas doutrinas assim como daqueles que as seguiram. Nesse caso, as doutrinas estabelecem níveis de alma diferentes para cada seguidor. Seguir Empédocles ou seguir Platão faz com que o nível de excelência de alma não seja o mesmo, algumas doutrinas são mais excelentes, outras menos excelentes. As doutrinas filosóficas são como cidades. A qual delas, pois, devo dar assentimento? Isto é, em qual cidade doutrinal irei habitar? O entrelaçamento da cidade real, da cidade da alma e da cidade doutrinal fica aqui estabelecido. Doutrinas alteram almas que alteram cidades. Cidades seguem doutrinas que condicionam almas. Almas seguem doutrinas independentemente das cidades. Neste final de obra, os três propósitos que se pode recolher tornam mesmo o termo “cidade” quase uma metáfora, aplicável até onde a vista pode alcançar (ATTIE FILHO, 2011, p. 232-233).

Por consequência das opiniões e doutrinas que desviam as almas da sua finalidade de aperfeiçoamento do intelecto e de realização da felicidade, derivam-se as cidades não excelentes. Alfarabi as classifica como sendo: 1) as cidades da ignorância — subdivididas em seis: i) a da necessidade, ii) a da permuta, iii) a da decadência, iv) a das honrarias, v) a da luta, vi) a do coletivo —; 2) a cidade da depravação; 3) a cidade mutável; e 4) a cidade do retrocesso.

4.1. As cidades da ignorância

Sobre os habitantes das cidades da ignorância, Alfarabi afirma que suas almas permanecerão imperfeitas, uma vez que sempre precisam da matéria e delineiam apenas os traços dos primeiros inteligíveis, aqueles relacionados às formas básicas. Uma vez que nenhum de seus habitantes conhece a felicidade, seu destino seria o mesmo que o de bestas, predadores e víboras. Ao buscarem apenas a manutenção de seus bens, os habitantes dessas cidades tenderiam ao ataque e à defesa formando duas facções, uma de almas boas e outra de almas ruins — esta facção seria composta pelos que adoram o combate, agindo sob dois aspectos: a batalha e o ardil.

> A cidade ignorante é aquela cujos habitantes não conhecem a felicidade – isso nem lhes passa pela cabeça –; são dirigidos a ela, mas não a compreendem nem a consideram. Quanto aos bens, conhecem alguns, mas apenas aqueles que superficialmente se pensa serem bens, supostos como sendo os objetivos na vida, isto é, o corpo saudável, riquezas, se deliciar com os prazeres, seguir livremente seus fascínios, ser reverenciado e enaltecido. Cada um desses [bens] é felicidade junto aos habitantes da [cidade] ignorante enquanto a grande e perfeita felicidade é a junção deles todos. O contrário disso, para eles, é o infortúnio, ou seja, as deficiências do corpo, a pobreza, não se deliciar com os prazeres, não seguir livremente seus fascínios e não serem reverenciados (ALFARABI, 2011, p. 192-193).

As várias cidades da ignorância são diferenciadas conforme o princípio básico que orienta a busca da alma de seus cidadãos, em detrimento da busca pela felicidade por meio do aperfeiçoamento do intelecto. Segundo Alfarabi, a *cidade da necessidade* (i) é "aquela cujos habitantes aspiram e cooperam para adquirir estritamente o que é necessário para a subsistência do corpo no que toca à bebida, comida e sexo" (ALFARABI, 2011, p. 192). A *cidade da permuta* (ii) é "aquela cujos habitantes aspiram e cooperam para alcançar riquezas e fortuna, não que se beneficiem da riqueza para alguma coisa, antes fazem da riqueza o objetivo da vida" (ALFARABI, 2011, p. 192). Já a *cidade da baixeza e da decadência* (iii) é "aquela cujos habitantes procuram se deliciar com os prazeres da bebida, da comida, do sexo — em suma, os prazeres sensoriais e os da imaginação — tendo predileção pelo gozo e pelo divertimento seja lá de que modo for" (ALFARABI, 2011, p. 192). Nota-se que a *cidade da decadência* (iii) diferencia-se da *cidade da necessidade* (i), na medida em que nesta (i) o consumo é almejado como supressão de uma carência básica, enquanto naquela (iii) o consumo assume a forma de uma busca por satisfação abundante de prazer. Além delas, a *cidade das honrarias* (iv) é "aquela cujos habitantes procuram e cooperam entre si para chegarem a ser reverenciados, celebrados, evocados e prestigiados entre as comunidades, glorificados e enaltecidos por discursos e atos, cheios de soberba e orgulho, seja diante dos outros, seja diante de alguns dos seus, cada um desses homens é assim, conforme o tanto de amor que tem por isso ou conforme o que lhe é possível fazer para chegar a isso" (ALFARABI, 2011, p. 192). A *cidade da luta* (v) é "aquela

por meio da qual seus habitantes querem subjugar uns aos outros, resistindo eles mesmos a serem subjugados, viciados apenas e tão somente no prazer que alcançam com a luta" (ALFARABI, 2011, p. 193). Por fim, a *cidade do coletivo* (vi) seria "aquela cujos habitantes querem ser libertinos, onde cada um faz o que quer, não pondo freios, em absoluto, a nada que lhe fascine" (ALFARABI, 2011, p. 193).

4.2. A cidade da depravação

Entre os habitantes da cidade da depravação, embora existam opiniões que são as mesmas que as da cidade excelente, as ações são como as dos habitantes das cidades ignorantes. O critério distintivo dessa cidade, portanto, é que enquanto os habitantes das cidades ignorantes não conhecem e não agem na busca da felicidade, os da cidade da depravação a conhecem, mas agem em outro sentido. Portanto, no caso das almas que compõem as cidades ignorantes, configura-se a insuficiência de um aperfeiçoamento teórico, enquanto, no caso da cidade da depravação, pode-se reconhecer uma imperfeição prática — lembrando que "a excelência, como fora dito, só se alcança quando ação e intelecção estão aperfeiçoadas" (ATTIE FILHO, 2011, p. 193). Assim, a faculdade racional dos habitantes da cidade da depravação mantém-se ocupada com o que recebe dos sentidos, não percebendo o dano causado por essas configurações. Então, com o aumento do número dos habitantes, aumenta o dano de cada um, indefinidamente — "eis aí o que é a desgraça, o contrário da felicidade" (ALFARABI, 2011, p. 206).

4.3. A cidade mutável

As opiniões e as ações dos habitantes da cidade mutável eram as mesmas que as dos habitantes da cidade excelente, no entanto, a ação de outras opiniões, diferentes da primeira, transformou as ações dos que habitam essa cidade. Diferentemente dos habitantes da cidade da depravação, os da cidade mutável alguma vez buscaram a felicidade, mas decaíram.

> Quanto aos habitantes da cidade mutável, se aquele que os fez mudar e os desviou for um dos habitantes das cidades da depravação, ele cairá em desgraça sozinho, enquanto os outros [habitantes] também perecerão e decompor-se-ão a exemplo dos habitantes das [cidades] ignorantes — assim como ocorre com todo aquele que se desvia da felicidade por descuido ou por erro (ALFARABI, 2011, p. 206).

É relevante, sobre a caracterização da cidade mutável, o destacado papel desempenhado por algum tipo de líder agindo sobre os habitantes. Estes, a princípio, almejavam a felicidade, mas, por influência de uma opinião típica das cidades ignorantes, mudaram de ideia e de prática. A esse comandante, Alfarabi prevê um destino mais lamentável que aos próprios cidadãos logrados.

4.4. A cidade do retrocesso

A cidade do retrocesso é aquela mais próxima da cidade excelente. Nela, seus habitantes almejam a realização da

felicidade por meio da faculdade racional[11], no entanto, sua liderança não é a mais excelente, o que vem a desorientar a prática de todos os habitantes que o seguem.

> Supunham aquela felicidade depois de suas vidas, mas alteraram isso, acreditando em Deus — glorificado e exaltado seja — nos [existentes] segundos e na inteligência ativa por opiniões corrompidas e insustentáveis ainda que tenham apreendido disso símiles e imagens. Seu comandante, o primeiro, é alguém que se estima ser inspirado sem que o seja; podendo usar para isso falsificações, imposturas e ilusão. Agora, os reis dessas tais cidades são o contrário dos reis das cidades excelentes, o comando deles é o contrário dos comandos excelentes, assim como o mais que se lhes referem (ALFARABI, 2011, p. 194).

Assim como na cidade mutável, destaca-se a influência de uma liderança não excelente, que degenera a realização da felicidade dos habitantes da cidade do retrocesso. Porém, diferentemente daquela, nesta os habitantes não mudaram de opinião sobre sua intenção de buscar a felicidade, mas, ao serem ludibriados por um impostor, foram levados a uma prática equivocada e a um nível de cidade inferior ao almejado. Esse líder que fez retroceder os habitantes da cidade, ou seja, aquele que os desviou da felicidade por causa de um propósito típico dos habitantes das cidades ignorantes, pertence à cidade da depravação e, por esse motivo, ele é o único que cai em desgraça.

[11] Segundo NERO (2009, p. 81), "o quarto tipo é o da cidade extraviada, que é aquela que supõe a felicidade depois dessa vida, mas modificando a realidade dessa felicidade. Ela crê em Deus, nos segundos existentes, no intelecto agente, mas segundo concepções falsas, pois se baseiam em representações e semelhanças".

5. Considerações finais

Texto de maturidade de Alfarabi, o *Livro dos princípios das opiniões dos habitantes d'A cidade excelente* sintetiza o pensamento do filósofo, em que "tendem à harmonia elementos do 'primeiro mestre', Aristóteles, e do 'divino' Platão" (ATTIE FILHO, 2009, p. 77).

Da existência primeira às configurações das cidades não excelentes, há um trajeto no livro de Alfarabi que perpassa o aprimoramento intelectual como busca da felicidade. Pode-se considerar que esse seja um ponto de vista politicamente enviesado, de um filósofo que intentava, em torno do século X d.C., consolidar a filosofia dos antigos como referência epistêmica em um mundo, ainda na atualidade, imerso em conflitos decorrentes de obscurantismos e discursos oportunistas (SILVA, 2008, p. 184-185).

Não há demérito, pois, para Alfarabi, quando considera que a intelecção é o meio para se alcançar o melhor dos fins: assemelhar-se às inteligências cósmicas — realização da perfeição almejada pelos humanos mais excelentes, habitantes das cidades mais excelentes —, assumindo o contrário disso como degradação.

Práticas humanas que se bastam na satisfação material, como os prazeres sensitivos, ou nos valores abstratos lastreados em conquistas materiais, como a riqueza e a glória, são julgadas por Alfarabi como imperfeitas e inferiores. Somente o exercício da faculdade mais elevada, a racional, colocaria os indivíduos em contato com

o divino, aperfeiçoando suas almas que, ao se desprenderem da matéria, encontrariam a felicidade.

Alfarabi flui, assim, por dentro do seu texto, como o filósofo que é, guiando outros cidadãos para a cidade excelente, que sua alma habita.

Alexandre Chareti

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (FFLCH-USP), com período na Princeton University. Pesquisador do Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea, GTPAC. Pesquisador do TARJAMA – Escola de tradutores de literatura árabe moderna.

https://orcid.org/0000-0001-9974-3864

Referências

ALFARABI. Livro dos princípios das opiniões dos habitantes d'A cidade excelente. In: ATTIE FILHO, Miguel. Livro dos princípios das opiniões dos habitantes d'A cidade excelente – Alfarabi. 2011. 246f. Tese (livre docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ATTIE FILHO, Miguel. Alfarabi – O livro a respeito dos princípios das opiniões dos habitantes d'A Cidade Excelente (I-VI). Tiraz, Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio, São Paulo, n. 6, Ano 6, p. 76-105, 2009.

ATTIE FILHO, Miguel. Livro dos princípios das opiniões dos habitantes d'A cidade excelente – Alfarabi. 2011. 246f. Tese (livre docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BELO, Catarina. Introdução. In: ALFARABI. A Cidade Virtuosa. Tradução, introdução e notas de Catarina Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 7-60, 2018.

IBN SINA (Avicena). Livro da Alma. Tradução do árabe, introdução, notas e glossário de Miguel Attie Filho. São Paulo: Editora Globo, 2010.

NERO, Jacqueline Beyrouti Del. Da felicidade na Cidade Virtuosa de Alfarabi. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Francisca Galileia Pereira da. A Filosofia e a religião como caminhos distintos para alcançar a felicidade segundo Al-Farabi. Polymatheia – Revista de Filosofia, v.4, n.6, p. 181-196. 2008.

SILVA, Francisca Galileia Pereira da. Una articulación entre política y linguaje em el pensamiento filosófico de al-Fārābī. 2015. Tesis doctoral (Doctorado en Filosofía) – Facultad de Filosofía, Departamento de historia de la filosofia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2015.

TER REEGEN, Jan Gerard Joseph; SILVA, Francisca Galileia Pereira da. O Universo, a cidade e o homem em Al-Farabi. Kairós. Ano IV/2, Jul/Dez 2007, pp. 214-229, 2007.